

Entre os nós do trabalho financeiro: modernizações em Buenos Aires e São Paulo

Villy Creuz

✉ villycreuz@gmail.com

Resumo

O sistema de objetos instalado em Buenos Aires e São Paulo autoriza uma vigorosa expansão de atores sociais ligados às finanças. Trataremos sobre as empresas de intermediação de pagamentos digitais e das redes físicas de operacionalização de pagamentos que elaboram uma divisão social e territorial do trabalho complexa. Destaca-se, em especial, a participação de firmas como Casas Lotéricas, Bancos Postais, Rapipago, Pago Fácil, Prisma Medios de Pago, PagSeguro e Western Union. Nesse contexto, também o envio de remessas de dinheiro é um importante mercado a ser considerado. A técnica produz novos conteúdos nas cidades e, nesse enredo, a circulação da moeda se integra, pelo consumo e pela prestação de serviços, aos atores sociais com menores graus de capital, organização e tecnologia.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: finanças, serviços, circuitos da economia urbana, técnica, objetos técnicos.

Introdução

O trabalho na metrópole é repartido entre diversos atores sociais e ramos de firmas, tornados mais complexos à medida que modernizações se sobrepõem às formas geográficas. Tais modernizações podem, de um lado, criar ofertas de serviços e produtos e, de outro lado, estabelecer patamares muito altos de organização e capital às atividades de menor porte.

A partir do prisma do nosso trabalho revelamos o modo com o qual a modernização dos equipamentos ligados à execução de tarefas bancárias ampliou a participação dos pequenos negócios no ramo dos serviços financeiros em Buenos Aires e São Paulo.

Tratar-se-ia da expansão de empresas do circuito superior da economia urbana¹ (SANTOS, 2004), isto é, bancos brasileiros, argentinos e estrangeiros, Western Union, GIRE S.A., Correios Brasileiros e Caixa Econômica Federal atuando através do trabalho exercido por micro e pequenos comércios de bairro e atividades com menores graus de organização, capital e tecnologia. Dito isso, descreveremos algumas manifestações da união entre os dois circuitos da economia urbana, o superior e o inferior, potencializado pelo protagonismo financeiro e informacional do período atual.

O sistema urbano não é um conjunto homogêneo, nem de materialidade, nem de conteúdo, resguardando diferenças em formas e temporalidades. Nesse contexto, ambos circuitos da economia se definem como subsistemas urbanos cuja coexistência pressupõe a dependência recíproca na reprodução de forças produtivas e na distribuição de tarefas entre os atores sociais. De sorte que, em cada cidade, existem conteúdos e funções particulares próprios ao período e suas respectivas variáveis dominantes, embora os traços das especificidades locais sejam conservados e adaptados.

São Paulo, com grande densidade demográfica e protagonismo econômico no Brasil, acolhe o maior número de sedes de grandes empresas, corporações, *holdings*, agências de publicidade, veículos de comunicação, empresas de tecnologias da informação (TI), empresas de transmissão de informação criptografada ligadas aos bancos e firmas financeiras, empresas de logística (transporte de valores, insumos e mercadorias), corporações que desenham sistemas internos às empresas, como os

1 Os circuitos da economia urbana são o eixo da teoria elaborada por Milton Santos, na década de 1970, para explicar o funcionamento do sistema urbano a partir da complementariedade de divisões sociais e territoriais do trabalho em cidades do terceiro mundo. Para tanto, o autor entende que existem dois circuitos: o inferior e o superior, diferenciados pelos graus de organização, capital e tecnologia em diferentes ramos de firmas.

chamados *softwares* de logística e de desenvolvimento de negócios, escritórios de contabilidade e advocacia, grupos de investimento e bancos, grupos de negócios, capitais estrangeiros, fundos de pensão, sedes administrativas de indústrias nacionais e internacionais.

Em virtude de ser a sede das casas matrizes ou de escritórios nacionais de instituições estrangeiras, mas também por constituir um importante mercado de crédito às empresas e às famílias, São Paulo transforma sua vida de relações a partir das finanças. Com cerca de vinte milhões de habitantes, a metrópole paulista representa 47,7% da população do Estado de São Paulo e 10,3% do total nacional e é a localização escolhida pelos maiores grupos financeiros (SILVEIRA, 2015, p. 352).

São Paulo é um dos lugares onde o circuito superior da economia é mais concentrado no Brasil, com áreas de densificação comercial, edifícios inteligentes, zonas de especializações produtivas ligadas à instalação de empresas internacionais: desde grupos farmacêuticos a bancos de investimento e consultorias. Adriana Bernardes (2001) considera São Paulo o lugar sede da produção e controle de modernizações que reorganizam o território nacional, a partir do setor terciário qualificado ou setor quaternário. Como escreve André Buonani Pasti (2010, p. 46),

O projeto em andamento de transformar São Paulo em centro financeiro latino-americano vai nesse sentido e acompanha uma reorganização da metrópole paulistana cada vez mais voltada às funções financeiras, informacionais e corporativas, sob um custo social muito alto.

Contudo, a cidade resguarda também, em bairros menos modernos cuja renda não é elevada, outra vida de relações de trabalho, onde atividades com menor volume de capital, organizações menos complexas e tecnologias menos sofisticadas coexistem frente a expansão do circuito espacial de produção financeiro e bancário.

Do mesmo modo, em relação ao tecido urbano, em áreas centrais e em subcentralidades, existem nós de circulação nas imediações de estações de trem e metrô, terminais de ônibus urbanos e terminais rodoviários. Tal morfologia urbana tende a propiciar condições à oferta de serviços complementares às atividades bancárias pouco modernos e com baixo grau de capital. É o caso das Casas Lotéricas e Bancos Postais.

Geralmente, Casas Lotéricas e Bancos Postais realizam serviços como pagamento de contas, depósitos, saques, abertura de conta poupança, solicitação de empréstimos de até R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) e trâmites de menor complexidade. A principal função dessas atividades é formar uma rede com a maior

capilaridade possível que permite a suas casas centrais capitalizar um fluxo de dinheiro e clientes em circulação em diferentes pontos da cidade.

A Cidade Autônoma de Buenos Aires possui um papel ainda mais central, já que é simultaneamente a capital política e o centro de decisões econômicas. A cidade e a região metropolitana² concentram uma considerável parcela da população. Se considerarmos a Região Metropolitana, tratar-se-ia de quase de um terço (33%) da população residente nessa área, 14.839.746 habitantes com um total de residências da ordem de 4.466.446 (INDEC, 2010). É nessa dinâmica que aí se tornam “mais rígidas as relações entre áreas polarizadoras e áreas polarizadas” (SILVEIRA, 2010, p. 79).

O fenômeno de expansão do circuito superior relacionado aos serviços bancários é singular em Buenos Aires. O mercado extrabancário, isto é, atividades que executam serviços bancários, é representado sobretudo por duas grandes marcas³, Rapipago e Pago Fácil, detentoras de cerca de 80% do mercado local e nacional. Os outros 20% são compostos por empresas de menor capilaridade nas áreas da cidade, como Full Pago e Cobro Express.

Esse conjunto de empresas, em ambas cidades, está distribuído por grande parte do tecido urbano. As localizações são estabelecidas pelas matrizes, a partir da supervisão de seus departamentos comerciais, monitorando o perfil das demandas.

Nesse movimento, o trabalho será dividido em duas partes. A primeira descreve como as tecnologias de pagamentos constroem uma nova divisão territorial e social do trabalho nas duas cidades. A segunda parte destaca o papel da informação entre empresas que realizam pagamentos e intermedeiam dados bancários. Por último, elaboramos um retrospecto de ambas situações geográficas (SILVEIRA, 1999; CATAIA; RIBEIRO, 2015) ao indagar sobre a produção do trabalho e dos nexos estabelecidos pelos dois circuitos da economia urbana.

Banalização de tecnologias e as novas divisões territoriais do trabalho

Para José Ortega y Gasset (1991, p. 22), “não existe homem sem técnica”. Tomando o axioma noutro contexto, o fenômeno da banalização das técnicas

2 A região metropolitana abrange a área que, a partir de 2003, o INDEC define como Grande Buenos Aires (GBA), composta pela Cidade de Buenos Aires e os Partidos da Grande Buenos Aires (24 municípios) e parcialmente outros 16 partidos, denominados Gran La Plata (La Plata, Berisso e Ensenada).

3 “Marca é um nome, termo, sinal, símbolo ou combinação dos mesmos, que tem o propósito de identificar bens ou serviços de um vendedor ou grupo de vendedores e de diferenciá-los de concorrentes” (KOTLER, 1998, p. 393).

(SANTOS, 1994) diz respeito às tecnologias difundidas através de práticas sociais. São banais pela frequência do uso, tornando-se comuns.

Nesse sentido, a permanente substituição de equipamentos se relaciona à técnica, isto é, aos seus processos de evolução e ampliação da oferta. Trata-se também da tecnologia aliada ao mercado, no sentido amplo do termo, e sua acelerada vinculação com processos sociais.

É nesse contexto que transformações da divisão social e territorial do trabalho em operações bancárias e financeiras se tornam o resultado do desenvolvimento de novas tecnologias, apresentadas como ferramentas de trabalho. O funcionamento técnico, isto é, a tecnicidade, figura o meio tecnogeográfico (SIMONDON, 2007). O meio é técnico: geográfico e técnico ao mesmo tempo. E, portanto, todas as possibilidades de trabalho, produção e consumo são ampliadas ou restringidas pelo domínio das condições técnicas que se apresentam.

No que se refere aos pensadores que indagaram sobre a relação estabelecida entre técnica e trabalho e entre técnica e economia, podemos tomar exemplos centrais à produção das ideias. Jacques Ellul (1968, p. 156), ao retomar pressupostos de *O Capital*, em Marx, e da *Teoria Geral*, em Keynes, pondera que o “motor de toda evolução econômica é sem dúvida o desenvolvimento técnico”. Nesse sentido, a acumulação de tecnologias, cujos usos permitem certas operações ligadas ao consumo de bens e serviços a partir de fluxos monetários, transformam a economia, a circulação da moeda, as demandas e a diversificação dos consumos e das ofertas. É a partir desse contexto que, já nos anos 1960, J. Ellul (1968, p. 161), podia considerar que tudo se “tornou função e objeto da economia, mas por intermédio da técnica”. Na história dos homens a técnica possui um fundamento prático no cotidiano de indivíduos, instituições e empresas. Por essa razão, Alfred N. Whitehead (1988, p. 39) pôde afirmar que na “história da humanidade, uma técnica prática se corporifica em instituições estabelecidas”.

A realidade se torna ainda mais complexa na globalização. A sofisticação de objetos técnicos que se comunicam entre si foi o pilar dessa construção. São objetos capazes de transmitir informações entre atores sociais com diferentes graus de força, influência e poder. Nesse movimento, produz-se um novo umbral das relações entre capital e trabalho, já que os atores sociais do circuito superior marginal exercem atividades acumulando funções de agentes do circuito superior.

Daí a evidencia de que “o trabalho se dividiu em milhares de operações independentes e cada operação tem seu próprio operador” (KOSIK, 1976, pp. 63-64). Mas, embora cada operação possua um operador, a tecnologia contemporânea centralizou o comando, estabelecendo hierarquias. “A automação, outro aspecto da

revolução tecnológica, teve uma consequência profunda na pirâmide burocrática (...). As organizações podem já agora disseminar tarefas rotineiras de maneira eficiente” (SENNETT, 2008, p. 46).

Poder-se-ia afirmar que as tecnologias do circuito superior estão inclinadas à rigidez. E, ainda que não haja movimentos puros no território, existe uma dada concentração, tecnicamente inerente ao sistema financeiro, daquilo que Thierry Gaudin (1978, p. 149) chamou de técnicas elitistas.

As tecnologias se aproximam da austeridade quando não admitem usos contrários à intencionalidade originalmente depositada em objetos, nos quais os procedimentos permaneçam fiéis às normas dos agentes que as fabricaram.

A tendência, nesse contexto, é a instalação de comandos em diversos ramos de firmas intermediados por objetos, redes, programas, aplicativos e *softwares*, nos quais a multiplicidade de tecnologias levaria a uma organização de trabalho hierárquica entre empresas e atividades, e do mesmo modo, também à construção de uma organização hierárquica no seio de uma mesma empresa.

As empresas do circuito superior geralmente estabelecem uma série de métodos de controle na gestão das marcas, *layout* (“desenho/imagem” – cores, decoração, disposição dos objetos) de seus prestadores de serviços, *softwares* de integração e comunicação cujo desenvolvimento é próprio. É o caso da Rapipago, empresa do grupo GIRE S.A., ou dos correspondentes bancários do Banco Itaú que utilizam computadores e programas da ITAUTECH, ramo de informática do grupo Itaú.

Desse modo, a técnica fortalece princípios de organização no interior das empresas, uma vez que, a partir de uma divisão de tarefas própria, ordena e hierarquiza áreas como compras, marketing relacionado à publicidade, planejamento, vendas, informática, produção, diretorias, presidência e conselho de acionistas. Podemos denominar *hierarquia endógena* a essa hierarquia interna de funcionamento, própria à empresa.

Nesse sentido, é correto assumir que “toda organização supõe um objetivo a atingir” (ISNARD, 1982, p. 36). A divisão de tarefas *entre* empresas atribui naturezas diversas de relações, desde parceria e associação até dominação, submissão e dependência. Essa é a manifestação da *hierarquia exógena* porque é estabelecida *entre* atores sociais, dependentes na execução de suas funções, porém hierárquicos segundo seus graus de capital, organização e tecnologia.

As relações da hierarquia exógena são mais visíveis entre empresas do circuito superior e de sua porção marginal. Em especial, são bastante aparentes quando unidas às funções financeiras e bancárias, isto é, grandes bancos e

instituições financeiras em associação com micro e pequenos agentes que operam os serviços do circuito superior.

Em Buenos Aires, quiosques e “locutorios”, que comercializam bebidas, alimentos, fazem recargas em celulares e bilhetes de transporte, pequenos comércios de bairro (lojas de vestimenta e farmácias), padarias, casas de massas e frios assumem, em paralelo, a função de prestadores de serviços bancários. Observamos, nesses novos enredos de ações e objetos, situações como das fotografias a seguir:

Imagens 1 e 2. “Kioscos” que participam do mercado extrabancário na cidade de Buenos Aires (Buenos Aires, 2016 e 2017)



Fonte: fotografias do autor.

Os locais, como nas fotografias 1 e 2, graças às tecnologias que os permitem interagir grandes empresas, estabelecem seu mercado localmente na vizinhança, ampliando seus serviços enquanto, em paralelo, comercializa produtos e serviços: copiadoras, impressões, recargas de celular, alimentos, bebidas, entre outros.

Nota-se, portanto, a expansão do circuito superior através de seus atores. Entretanto, não apenas nas atividades financeiras há o alargamento de seu poder, mas também na fabricação de sistemas de objetos integrados ao meio geográfico. Por essa razão é que em São Paulo, Casas Lotéricas e Bancos Postais⁴ possuem o mesmo de ar de família técnica.

A fabricação de sistemas de objetos cria uma rede comunicacional ativa, um verdadeiro sistema de ações em movimento, que dinamiza o trabalho entre empresas do circuito superior ligadas aos bancos e seus respectivos operadores do circuito superior marginal espalhados pela cidade.

4 Igor Venceslau (2014, p. 2346), ao tratar sobre os correios brasileiros, dirá que a “capilaridade é a característica que distingue a empresa de qualquer outra instituição pública ou privada no Brasil, mesmo se comparada aos maiores bancos (que já possuem um grande número de agências), a única que poderia levar a cabo essa iniciativa do Estado [de expansão de serviços bancários a todo território nacional] num prazo imediato, com tamanho êxito”.

Imagens 3 e 4. Bancos Postais (Consolação) e Casas Lotéricas (Parelheiros), São Paulo (2016 e 2017).



Fonte: fotografias do autor.

Tal uso do território por micro e pequenos atores sociais permite às grandes empresas uma maior participação na economia urbana. Pontos que antes não disponham de agências bancárias integram a nova topologia do circuito superior. Algo que Leila Dias e Maria Helena Lenzi⁵ (2009), Fabio Contel (2006), Martin Jayo e Eduardo Diniz (2013) e Derlis Parserisas (2016)⁶ já discutem em seus trabalhos.

A capilaridade bancária aumenta a participação na economia de capitais do circuito superior, ao entrelaçar seu mercado à demanda de consumos de serviços públicos e privados pela porção marginal e inferior da economia urbana (CREUZ, 2015). De modo tal que o capital bancário tende a alcançar pontos do território antes desprezados, influenciando os tipos e as regularidades do consumo da população.

A relação de codependência entre circuito superior, circuito superior marginal e inferior é nutrida pela produção de vasos comunicantes a partir da variável financeira, formando associações entre empresas de diversos ramos e amplos substratos da população. Nesse sentido quando Jean Labasse (1974, p. 10), ao tratar de distorções regionais, escrevia que as “redes bancárias trabalham a favor das metrópoles”, não podia ainda prever a capilaridade através de comércios, em pontos diversos, no interior das próprias metrópoles.

5 O trabalho de Leila Dias e Maria Helena Lenzi (2009, p. 98) reflete a preocupação das autoras em identificar a mudança na topologia bancária no território brasileiro: “Através de uma periodização, procuramos compreender mudanças na localização das agências bancárias, identificando os nexos que, a cada período, transformam a geografia das redes bancárias”.

6 “As finanças transcendem a esfera bancária e se tornam uma variável dominante do período, realizada pela nova possibilidade técnica e comunicacional que oferecem os lugares e pelas condições de seu meio construído urbano” (PARSERISAS, 2016, p. 104).

Os fixos geográficos operam funções bancárias que ganham impulso na metrópole. É a resposta à demanda do período atual das funções bancárias vinculadas aos pagamentos e consumos diversos. O estado atual das técnicas delinea a repartição do trabalho na cidade e a força invasiva de grandes capitais. É daí que a afirmação de Labasse (1955, p. 94) nos parece central: a “implantação de um Banco corresponde a um momento da evolução das técnicas”.

A indissociabilidade entre os circuitos da economia urbana, no período atual, reforça a concentração de poder e os métodos de controle do circuito superior e a consequente subserviência do circuito superior marginal. Ao contrário, assistimos a uma sedimentação da nova divisão do trabalho ligada à terceirização bancária, dando lugar à simbiose entre bancos e pequenas atividades.

Tecnologias da informação e sua ubiquidade nos territórios

As tecnologias bancárias resultam de uma nova construção do sistema dos objetos. Quando dizemos sistema dos objetos, retomamos o sentido de Jean Baudrillard (2009, pp. 69-70), ao considerar que “todos os objetos se pretendem funcionais (...). Efetivamente, (...) a funcionalidade é a faculdade de se integrar em um conjunto”. O sistema de objetos é, antes, alimentado pela informação e, concomitantemente, produtor de outros tantos tipos de informações.

A informação alimenta de funções os objetos técnicos, enquanto se nutre, em paralelo, de novos comandos ao circuito superior da economia. Esse conjunto de objetos conduz a ações de natureza diversa, ou seja, ações políticas no âmbito dos Estados, ações empresariais, ações de indivíduos e instituições.

No meio técnico-científico-informacional são fabricadas informações de conteúdo financeiro que se configuram, aliás, enquanto o principal motor dessa do modo de produção dominante.

Nesse contexto, a Internet é imprescindível ao novo arranjo produtivo, porque é o caminho por onde percorre a informação. De sorte que diante dos usos do território a partir da emergência de novos objetos, María Laura Silveira (2016, p. 96) afirmará:

A necessidade crescente de informação e comunicação vertical, que está na base de qualquer sistema de ação interno e externo de uma grande empresa, cria no território uma maior densidade técnica e informacional, pela demanda de fibra ótica, Internet, redes de telefonia, fluxos de mensagens e ordens.

Do mesmo modo, a partir das topologias reticulares do circuito superior e seus comandos a longa distância, outros objetos são igualmente indispensáveis e completam o sistema: são os leitores de códigos de barras, microcomputadores,

teclados numerais, *softwares* desenvolvidos pelas próprias empresas para o envio de informações bancárias. Jayo e Diniz (2013, p. 661) afirmarão que a infraestrutura tecnológica dessas empresas tende a se apoiar em equipamentos

POS (*point of sale*), semelhantes aos utilizados para pagamentos com cartão de crédito ou débito, ou então microcomputadores, que operam como terminais nos pontos de serviço conveniados e interligados aos sistemas transacionais de um banco contratante.

As trocas de informações bancárias e financeiras são feitas com a participação de empresas que produzem códigos criptografados entre os consumidores de produtos e serviços⁷ e as empresas que os comercializam.

É nesse contexto que empresas presentes em Buenos Aires como Rapipago, Pago Fácil, Full Pago, Cobro Express, Prisma Medios de Pagos, Mercado Pago e PayU e as empresas presentes em São Paulo, como Casas Lotéricas, Bancos Postais, PagSeguro, Pay U, PayPal, Pay & Go ampliam seus mercados.

O sistema de objetos e a organização do circuito superior de pagamentos

No período técnico-científico-informacional (SANTOS, 1994), a informação comanda diversos circuitos espaciais de produção. Nesse sentido, é a variável dominante do período porque é condição à realização funcional dos objetos que, a sua vez, tendem a lançar mão de novas informações. Nela habita num só tempo o comando das ações sobre os objetos e o comando dos objetos sobre as ações. Para Silveira (2016a, pp. 233-234), o terciário altamente qualificado “está chamado a produzir e difundir informações, projetos, assessoramentos, normas, procedimentos técnicos e organizacionais, fiscalizações, patentes e marcas, pesquisas de mercado e publicidade”.

A chamada sociedade da informação é espelho da racionalidade depositada nos objetos, ao replicar a razão instrumentalizada. Jesús Martín-Barbero (2003, p. 11) pondera que, em países latino-americanos, existe a tendência à modernização neoliberal, “racionalizadora do mercado como único princípio organizador da sociedade em seu conjunto”.

A fabricação de objetos corresponde ao emprego dos fins aos quais são projetados. As tecnologias ligadas às informações bancárias são, no geral, microcomputadores, Internet de banda larga, *softwares* oferecidos e produzidos pelas empresas matrizes, leitores de códigos de barras e pequenas impressoras de comprovantes em papel específico.

7 Entre estes estão: telefonia fixa e móvel, Internet, televisão a cabo, impostos, seguros, eletricidade, gás, água, escolas, serviços de saúde, recarga de cartões de transporte, pagamentos de compras realizadas na web e outros.

Imagens 5 e 6. Sistema Técnico: leitor de códigos de Barra, leitor de cartão de débito e crédito, teclado de cobranças e recebimentos, impressora de comprovante de pagamentos. Cobrança no Carrefour Express em parceria com a Pago Fácil-Western Union (Buenos Aires, 2017).



Fonte: imagens do autor.

Essas tecnologias, como nas imagens 5 e 6, criam microssistemas de objetos ligados aos macrosistemas organizacionais. As fotografias retratam esse microssistema de objetos, enquanto a ação, pouco visível na fotografia – salvo pelo pagamento sendo realizado, diz respeito ao fluxo monetário ligado a macro-organização territorial relacionada às políticas das empresas e do Estado.

O sistema dos objetos produz ações. Nas palavras de Jean Ladrière (1979, p. 13), os “sistemas de ação compreendem ao mesmo tempo mediações técnicas que permitem dominar (...) o meio social”. Novas ações e novos processos eclodem a partir da sedimentação do meio técnico. Aos bancos já não mais interessa vincular funções às agências, mas, em definitivo, buscam prestadores de serviços ou, em outro sentido, estimulam os clientes a recorrer a serviços oferecidos pela Internet. O mais importante dessa estratégia é retirar das agências o maior número possível de clientes, reduzindo custos de mão de obra e segurança. A “rapidez da circulação do dinheiro é facilitada pelo número elevado de intermediários e de agentes que trabalham no circuito inferior (...). Mas se o capital circula, há pouca acumulação” e, portanto, “as pessoas continuam pobres” (SANTOS, 2004, p. 233).

Atividades comerciais passam a assumir funções bancárias, tornando-se híbridos. Num jogo de palavras, poder-se-ia afirmar que não são apenas atividades bancarizadas, mas bancarizantes, por agregar um conjunto de população ao mercado financeiro e por dispor de condições à inclusão em tal mercado. De sorte que, aos comércios vinculados às atividades bancárias, propomos chamá-los de *comércios bancários*. Os comércios bancários integram o terciário especializado.

Para Milton Santos, o sistema bancário é o ponto de união no qual são tecidos nexos entre os dois circuitos. O autor, ponderando sobre a adesão entre bancos e atividades no sistema urbano, afirma que a “monetarização dos países frequentemente desencadeia uma proliferação de bancos que se disseminam através do território seguindo a difusão da monetarização” (SANTOS, 2004, p. 106).

Nessa dinâmica, o oximoro do fenômeno é mais latente, porquanto nunca antes ambos circuitos estiveram tão vinculados e tão distantes. Cada circuito é *relacional* porque se relaciona com os outros. E é, ao mesmo tempo, *relativo*, já que seu sentido é baseado no movimento do outro circuito em cada ramo de firma. Desse modo, os circuitos da economia são relacionais e relativos. Em outras palavras, relacionais entre si e relativos a cada ramo de firma.

No que diz respeito à aceleração metropolitana em Buenos Aires e São Paulo, os comércios bancários se fundem ao cotidiano pela proximidade de nós de circulação, uso de pontos comerciais em eixos viários, supermercados e *shoppings centers* e, muitas das vezes, pela proximidade aos locais de trabalho e residência.

A atual organização do trabalho ligada ao comércio bancário tende a afirmar um aparente paradoxo. Se, por um lado, aumenta a quantidade de pequenas empresas ligadas ao comércio bancário com importantes acréscimos de demandas advindas da população, por outro lado, diminui o número de empresas que administram a circulação de informações e os comandos sobre esses pequenos comércios.

Os comércios bancários estão filiados a grandes marcas que, por sua vez, pertencem ou estão associadas a grandes bancos, como Rapipago da GIRE S.A., cujos principais acionistas são Santander Río, Citibank e HSBC. Os Bancos Postais estão associados ao Banco do Brasil e aos Correios Brasileiros. Já as Casas Lotéricas são controladas pela Caixa Econômica Federal. Por fim, a Pago Fácil, da Western Union, ainda que não seja um banco, está absolutamente associada à esfera financeira de envios e circulação de moeda no planeta.

Ao criar uma nova divisão social e territorial do trabalho a modernização multiplica os canais de consumo e, em paralelo, robustece as grandes marcas dos comércios bancários. A oligopolização do território acaba por se fortalecer nessa

dinâmica e, nesse sentido, o uso corporativo do território tende a adquirir uma maior espessura frente aos pequenos comércios e a maior parte da população.

A economia urbana das remessas internacionais

Ao tratarmos de remessas financeiras, certamente analisamos a participação de firmas cujo grau de organização, capital e tecnologia é bastante elevado. Todavia, esse circuito superior da economia não é um circuito puro, porque dentro dele existem, do mesmo modo, capitais com graus menores de influência e capilarização dentro das duas metrópoles.

O ponto de intersecção entre os dois circuitos, nesse caso, relaciona-se à oferta de serviços do circuito superior, muitas vezes operada por agentes do circuito superior marginal e a crescente demanda de camadas da população, cuja migração, interna ou internacional, garante um amplo mercado proveniente do circuito inferior da economia. Nesse sentido, o consumo de serviços financeiros do circuito inferior alimenta o mercado do circuito superior.

A demanda por remessas movimentava um mercado em diferentes países nos quais a Western Union é atuante. No Brasil, esta assume os correspondentes bancários do Banco do Brasil que, por sua vez, estão associados aos Bancos Postais. Na Argentina, a empresa terminou a compra da Pago Fácil em 2012⁸, que nesse momento era a empresa mais importante em pagamentos de contas na Argentina.

A *Western Union Company* é líder em serviços globais de pagamentos. Por meio de outras de suas marcas como Vigo, Orlandi Valuta, Pago Fácil e Western Union Business Solutions envia e recebe dinheiro em todo o mundo e efetua ordens de pagamento. Os serviços são oferecidos através de uma rede de 500 mil pontos, em 200 países e territórios, além de mais de 100.000 ATMs⁹ e quiosques¹⁰. No Brasil, a topologia da Western Union alcança todo o território nacional com mais de 13.000 agentes. De acordo com dados do Banco Central do Brasil, em 2016, a Western Union Corretora de Câmbio era a primeira, em volume (excluindo interbancário), entre 72 entidades que operavam câmbio no mercado primário. A empresa movimentou, no mesmo ano, 377 milhões de dólares no país.

Na Argentina, a *MoneyGram* tem 40 agências espalhadas através de empresas parceiras na *Región Metropolitana de Buenos Aires* (RMBA). A firma, fundada em

8 Western Union adquiriu Pago Fácil (SEPSA) de sua empresa matriz, Sideco Americana, que, por sua vez, foi fundada pelo Grupo Macri.

9 Os Caixas Automáticos são os chamados ATM's, sigla em inglês que significa, *Automatic Teller Machine*.

10 Dados oferecidos pela empresa em 30 de junho de 2016.

1940 nos EUA, é a segunda maior no mundo. Como a Western Union, a MoneyGram também atua em diversos países, cerca de 200, operando com agentes locais, através de envios monetários por aplicativos, depósitos em contas e extração e depósito através de ATMs. A competição com Western Union tende a reduzir o valor das taxas cobradas.

O mercado das empresas de remessas de menor valor é uma variável ascendente na globalização. Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU) existem cerca de 250 milhões de imigrantes em todo o mundo a viver fora de seus países. As estimativas são de que as remessas de dinheiro, enviadas por trabalhadores migrantes a suas famílias, abrangem mais 750 milhões de pessoas.

O número de migrantes internacionais aumentou mais do que a população mundial. A quantidade de migrantes totalizava, em 2015, 3,3% da população global, enquanto nos anos 2000 correspondia a 2,8%¹¹. Em termos planetários, o valor anual de dinheiro enviado aos países de origem é estimado em cerca de 500 bilhões de dólares, dos quais a maior parte provém de remessas de pequenos montantes, entre 200 a 300 dólares, enviados diversas vezes pelo mesmo remetente no decorrer de um mesmo ano. Esses envios criam mercados de empresas que podem enviar e receber dinheiro entre países a partir de estratégias de reduzir encargos dos Estados.

De acordo com dados da ONU, a Argentina apresenta significativos números de migrantes (4,5%) em relação à estimativa de 44.494.502 habitantes (INDEC, 2018)¹². Essa é uma cifra considerada elevada.

O Brasil, proporcionalmente, possui um número menor de migrantes residentes, apesar do aumento no acréscimo de migrantes em 86,7%, entre 2000 e 2010, resultando no total de 286.468 migrantes¹³, um pouco mais de 0,1% da população.

Em ambos países o mercado de remessas aumentou entre a População Economicamente Ativa (PEA). O fator demográfico é essencial à explicação sobre a geração de demanda e a resposta por empresas do circuito superior e seus agentes associados da porção marginal.

Existem outras formas de envio de remessas internacionais. No Brasil, o correspondente cambial *BeeCâmbio* lançou o site remessa *online*. Para realizar

11 Dados do Relatório da ONU, de 2015.

<http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/empirical2/migrationflows.shtml>; Acesso em janeiro de 2016, abril de 2017.

12 https://www.indec.gob.ar/nivel2_default.asp?seccion=P&id_tema=2; acesso em março de 2018.

13 Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo de 2010.

remessas, a empresa cobra 20 dólares de taxa *Swift*, sistema utilizado por bancos em transferências internacionais. Normalmente, essa taxa está embutida em um maior valor, cobrado pelos bancos, ao realizar a mesma operação. No Banco do Brasil a transação custa entre 35 e 125 dólares, conforme o valor enviado. Na Caixa Econômica Federal custa entre 30 dólares e 100 dólares. No banco Santander, o valor mínimo é de 25 dólares, mas depende do relacionamento do cliente com o banco, isto é, existe uma segmentação pelo tipo de conta e aplicações que possui¹⁴. Já no Itaú, a tarifa para remessas internacionais ronda os 35 dólares. Alguns bancos cobram, ainda, uma tarifa de até 100 dólares que é repassada à instituição financeira que realizará o pagamento no outro país.

Os bancos possuem uma margem de lucro sobre operação, chamada *spread*, que pode se aproximar de 5%. Em uma empresa de menor porte como a *BeeCâmbio*, por exemplo, a taxa de *spread* é de 1,6%. A transação pelo sítio é isenta de Imposto de Renda e limitada a três mil dólares. Como nas operações dos bancos, existe a cobrança de 0,38% sobre o valor enviado de Imposto sobre Operações Financeiras (IOF).

A *Transferwise* é outra empresa no Brasil que oferece tarifas mais baratas que os bancos ao realizar remessas internacionais. Criada em 2011 pelo fundador do *Skype*, desenvolveu um sistema que une a necessidade de um brasileiro por Libras com a de Reais por um britânico. A empresa intermedeia a conexão entre pessoas de diferentes países e suas necessidades de liquidez em moeda estrangeira. Por essa razão, o dinheiro não chega a sair do país e, portanto, não cobra a taxa de *Swift* para transferências internacionais, nem tarifas para serem repassadas ao banco do exterior. A quantia é depositada por boleto bancário. A *Transferwise* cobra 10 reais para remessas de até 400 reais e sobre maiores quantias cobra 2,5% do valor total.

14 No Brasil, o Banco Santander passou a criar agências específicas de acordo com a renda dos clientes: clientes *Select* ou *Van Gogh*. Banco do Brasil fez o mesmo com a promoção do Banco do Brasil *Estilo*. Já o Bradesco chama sua carteira de clientes de mais alta renda de clientes *Prime*. O Banco Itaú, por sua vez, segmenta seus clientes com agências destinadas ao chamado Itaú *Personalité*. Cada um desses segmentos, nas diferentes instituições, possui por vez, subsegmentos, diferenciados pela renda, volume de capital em aplicações, fundos de investimentos e patrimônio.

Na Argentina, o Banco Santander Río possui seis categorias de clientes em pessoas físicas com serviços oferecidos diferencialmente: *Caja de Ahorro*, *Super Cuenta*, *Super Cuenta 3*, *Infinity*, *Infinity Gold* e *Select*. O Banco Nación também promove segmentos de grupos por faixa de renda em progressão. Trata-se das categorias *Simple*, *Estilo*, *Platino* e *Zafiro*. O Banco BBVA Francés criou uma categoria de clientes *Premium*, relacionando o atendimento mais personalizado aos benefícios em viagens e cartões de crédito. O Banco Galicia no mesmo padrão dos demais bancos criou a categoria *Éminent* que permite descontos em academia, lojas de departamento como Falabella, acúmulo maior em milhas aéreas e atenção especial ao cliente para as áreas de investimento e gerenciamento de contas.

A publicidade da empresa diz que opera com “taxa de câmbio real”, uma taxa média entre o preço de venda e o de compra da moeda no mercado. Do mesmo modo que na *BeeCâmbio*, a transação pelo site é isenta de Imposto de Renda e é limitada a três mil dólares, enquanto a alíquota de 0,38% de IOF está embutida no preço e não é cobrada à parte.

As empresas menores de remessas também participam desse mercado de fluxo de dinheiro em espécie. A *Connect Argentina Money Transfer* é uma delas. Com sete agências na cidade de Buenos Aires, cobra de acordo com o valor de envio. São 10% para até 200 dólares; e 8% para somas entre 201 e 350 dólares. A empresa envia pequenos volumes de dinheiro a dezesseis países na América Latina e na Europa. Do mesmo modo, a firma realiza depósitos bancários entre diferentes países e comercializa um cartão de crédito cuja solicitação pode ser feita apenas com CUIL (*Código Único de Identificación Laboral*) e DNI (*Documento Nacional de Identidad*).

Outra situação que identificamos na cidade de Buenos Aires foi o recebimento e o envio de dinheiro entre Brasil e Argentina através de contas do Banco do Brasil e Banco Nación. A atividade funciona como se fosse uma empresa assessora em trâmites burocráticos para brasileiros residentes. Essas operações são realizadas por intermediários que prestam seus serviços no centro da capital argentina. Este intermediário não atua como pessoa jurídica e se vale da rede de contatos que vai construindo por meio de indicações de amigos, parentes e conhecidos. O depositante no Brasil transfere o dinheiro à conta do intermediário, também no Brasil, que, por sua vez, ao confirmar o depósito, entrega em espécie a quantia que resulta no valor paralelo da moeda no mercado *blue*¹⁵ em pesos, descontado pelo valor do serviço da operação. O mesmo pode ser feito da Argentina ao Brasil. O mercado dessa empresa é, sobretudo, feito de estudantes brasileiros residentes na capital que recebem quantias de suas famílias.

As remessas internacionais atendem as demandas das populações migrantes ou nativas por meio do fluxo de algoritmos. Segundo Paolo Sylos Labini (1988, p. 139), o “aumento da demanda, no oligopólio, condiciona inclusive o tipo de inovações”, transformando, hoje, o sistema de ações e a circulação monetária nos países através da Internet. O comércio eletrônico participa como um elemento dinamizador na *economia monetária digital*. Esta última é construída a partir de

15 A chamada moeda paralela ou *blue* é herança de um momento em que o governo da Argentina bloqueou os saques em moeda estrangeira para evitar perdas em suas reservas cambiais. Dessa trajetória, mesmo depois do retorno do acesso às moedas estrangeiras, permaneceu estabelecido um valor paralelo ou *blue* para compra de divisas não oficiais. No centro de Buenos Aires, próximo a Casa Rosada, é muito comum encontrar essa oferta de moedas paralelas.

proteções numéricas (criptografia) projetadas por especialistas e empresas fabricantes de sistemas de informação avançados.

A economia monetária digital é ampliada pela necessidade do capital em ampliar a oferta de produtos e serviços fomentadas pela publicidade. Nesse sentido, a publicidade e a economia monetária digital se completam ao combinar a psicoesfera¹⁶ do desejo à tecnoesfera do “espaço virtual”¹⁷. Esse é um dos atuais traços da atual divisão do trabalho bancária e financeira.

O consumo no comércio eletrônico

A rede de computadores é um grande palco à publicidade elaborada pelas grandes marcas. Grandes empresas conseguem exercer influência através de e-mails, redes sociais, anúncios em jornais, revistas, televisão, rádios, sítios de notícias e aplicativos. Através do perfil dos usuários destas redes são desenvolvidos projetos sobre imagens das marcas, mapeamentos dos perfis de potenciais clientes, a localização das eventuais demandas e a promoção da oferta de produtos e serviços.

Nesse sentido, a publicidade é, no período presente, um sistema de ações orientado por técnicas da ação, geradoras de métodos de captação de clientes e cooptação das demandas. A publicidade, em seu raio de ação, emprega ferramentas para alcançar objetivos comerciais, buscando manipular a psicoesfera.

Jacques Ellul (1968, pp. 371-372) pondera que a publicidade está em dois domínios da técnica do homem: o primeiro domínio se refere às “técnicas mecânicas – imprensa, rádio, cinema (...) que permitem entrar em comunicação direta com grande número de indivíduos”. O segundo domínio é constituído por “todo um conjunto de técnicas psicológicas e mesmo analíticas, que permitem

16 A noção de tecnoesfera “se adapta aos mandamentos da produção e ao intercâmbio e, desse modo, frequentemente traduz interesses distantes; desde, porém, que se instala, substituindo o meio natural ou o meio técnico que a precedeu, constitui um dado local, aderindo ao lugar como uma prótese. A psicoesfera, reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido, também faz parte desse meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário. Ambas – tecnoesfera e psicoesfera – são locais, o produto de uma sociedade bem mais ampla que o lugar” (SANTOS, 1996, p. 204).

17 “O espaço virtual em si mesmo não é trabalho, mas pode ser sua condição. O espaço virtual apenas permite comunicar o resultado de um trabalho real, multidimensional. Condição imutável do trabalho, portanto, unidimensional, apenas autoriza trabalho, mas não o constitui. Sem dúvida, ele se apoia no espaço real, genuíno, de nossa definição como geógrafo, mas ele próprio não é espaço. Levando a discussão a um extremo, e como os adjetivos não sobrevivem sem os substantivos que modificam, nem mesmo é virtual. Mas não queremos ser extremistas. Não há como recusar a utilização de um vocábulo já antigo para exprimir uma nova situação. Mas é sempre prudente distinguir conceito de metáfora” (SANTOS, 2000, p. 4).

conhecer com bastante exatidão as molas do coração humano”. Para Armand Mattelart (2000, p. 130), a discussão sobre a publicidade atravessa uma trajetória desde os anos 1930 até o período atual e reflete que

Muitas propostas sobre a comunicação em sua modalidade mercantil estão cada vez mais afetadas por um vício sério de fundo: o retorno ao empirismo vulgar e a sua problemática dos “efeitos”. Seguem atados à relação individual entre o suporte e o consumidor-usuário sem ver que o que está mudando é a própria sociedade sob o efeito deste princípio de organização das relações sociais que é comunicação, horizonte inelutável sobre o qual se formam seus afetos e sua mentalidade.

A trajetória da discussão e da crítica à publicidade não diminuiu o protagonismo da técnica na produção de desejos coletivos, empiricamente individualizados a partir de estímulos sensoriais¹⁸. A aceleração contemporânea (SANTOS, 1994) tende a impulsionar o consumo. A fabricação de desejos e a crescente velocidade sobre a substituição destes adequaram os instrumentos de consumo a tal movimento. O comércio eletrônico é um destes canais que comporta a velocidade do período.

Para que o comércio eletrônico possa ser efetivo é preciso arquitetar uma divisão do trabalho ligada a empresas que estoquem os produtos, vendam, processem os pagamentos e distribuam as mercadorias. Daí que as empresas do comércio bancário sejam extremamente funcionais ao comércio eletrônico, complementando as operações através do pagamento em espécie pela população que não dispõe de cartão de crédito.

O consumo-consumptivo é fabricado pela publicidade, cientificamente elaborada, ou como escreveu Richard Sennett (2006, pp. 127-128), pela força de uma *paixão autoconsumptiva*, isto é, “uma paixão consumptiva pode ser uma paixão que se extingue na própria intensidade”. A paixão pelo consumo se satisfaz no desejo. Ao completar seu objetivo se recria o desejo ao novo objeto. Paixões assim são infladas pela publicidade através, por exemplo, de canais como o comércio eletrônico.

A comercialização por meio da rede de computadores se amplia voltada aos consumos como turismo, a partir de pacotes em hotéis, alugueis de automóveis, assistência de saúde, vendas de passagens aéreas e terrestres. Noutro ramo está a

18 No comércio presencial, há uma discussão e pesquisas sobre o microclima dos lugares de compra, densidade de luz e sombra, tons de cores, cheiros, lugares mais ou menos aprazíveis de acordo com a mercadoria comercializada, sons (música) e estilos sonoros que também estimulam o anseio pela compra e pelo consumo. Todos esses conjuntos de procedimentos são técnicas e foram estudados em grupos com a finalidade de alcançar metas.

venda de produtos desportivos, vestimenta, objetos eletrônicos, alimentos e bebidas.

A publicidade de diversos tipos de produtos e serviços impulsiona a nova modalidade de comércio que, no compasso da nova divisão do trabalho bancário, fomenta novas empresas a assumirem funções de intermediação. Mesmo no comércio eletrônico, a presença de pequenos comércios é relativamente alta, seja pela prestação de serviços ou venda de bens de consumo, seja pela própria execução do recebimento do pagamento, como no caso das agências da RapiPago e da Pago Fácil. Em 2013, na Argentina, foram gastos no comércio eletrônico 24,8 milhões de pesos e, desse volume, a metade foi pago em espécie nesses locais.

A economia urbana reconhece novos movimentos a partir do comércio eletrônico, eclodindo novos atores ao envolver os pagamentos da comercialização realizada através da rede. Essa economia monetária digital produz um fluxo significativo de mercadorias e de dinheiro nas cidades.

Para que as operações de compra e venda através da rede de computadores se concretize é necessária a mediação de outro conjunto de empresas, chamadas de *gateways* que são canais de passagem de informação com dados bancários. Estas respondem pelo recebimento da informação em algoritmos criptografados, o processamento dos dados e o posterior envio dessa informação aos bancos, os quais, por sua vez, repassam às empresas os respectivos montantes. O pagamento é feito na loja virtual, através da rede selecionada pelo cliente (Redecard por exemplo). O *gateway* faz a ponte com o banco para verificar se há saldo disponível e, em caso positivo, autoriza a compra. Os *gateways* costumam cobrar anuidade e ativação.

O mais importante *gateway* de Argentina é a empresa *Prisma Medios de Pagos*. Seus principais acionistas são os Bancos Galicia, Santander Río e BBVA Francés, os quais são também emissores exclusivos de cartões VISA.

Dessa relação entre bancos e *gateways* deriva um tipo de oligopsônio e de oligopólio que se retroalimenta e se expande socialmente. Oligopólio porque os agentes do circuito superior bancário controlam as vendas de serviços financeiros, já que são os bancos os emissores de cartões de crédito VISA. Contudo são também um oligopsônio porque demandam quase exclusivamente os serviços do adquirente e do processador de informações, no caso, a empresa Prisma Medios de Pagos.

A Prisma Medio de Pagos foi criada em 2014, a partir da associação entre Visa Argentina e Rede Banelco. Essa empresa é responsável pelos sistemas operativos da maior parte dos bancos privados no país, processando as operações de cartões de débito e crédito, a partir de tecnologias próprias de segurança contra fraude e envio de informações. No que se refere às transações, a empresa gerencia a

circulação financeira, desde a emissão até a finalização, incluindo autenticação, uso de tecnologias de segurança e reportes aos agentes envolvidos em cada etapa do processo.

Sobre pagamentos eletrônicos, a empresa realiza a maior parte das transações de recepção de dados, processamento da informação, transmissão aos bancos e retorno ao vendedor dos produtos de bens e serviços. Os principais produtos dessa empresa são Visa, Banelco, Lapos, Pagomiscuentas, Todo Pago, Monedero.

Na Argentina, 70% dos pagamentos são realizados em espécie e os 30% restantes são pagamentos digitais que envolvem aplicações através de celulares. Nesse sentido, os fixos geográficos, geralmente os comércios bancários, são as necessárias intermediações entre o comércio virtual e a vida urbana que necessita de operadores para captar os fluxos monetários no interior das cidades. Nesse contexto, a estratégia da Prisma Medios de Pagos é estimular as operações digitais e diminuir o uso de dinheiro em espécie no país. Tal campanha, se chega a ter sucesso, tende a reduzir o mercado destes comércios bancários da Pago Fácil e Rapipago, ainda que, no curto e médio prazo, a presença deles seja fundamental na circulação monetária e nas operações cotidianas ligadas aos pagamentos de serviços e compras em geral.

Há, ainda, outra modalidade denominada de *intermediadores*. É um outro tipo de serviço relacionado a pagamentos. Estes atores, como a *PagSeguro* no Brasil por exemplo, assumem os contratos diretamente junto aos bancos e empresas de cartão de crédito. Nessa modalidade de serviço financeiro, no momento em que o consumidor faz a compra, ele será redirecionado ao site do intermediador.

A função dos intermediadores é similar à dos *gateways*, mas com sistemas técnicos (plataformas) que se comunicam com diferentes agentes financeiros, ainda que com a mesma funcionalidade, isto é, transmissão, autenticação de possuir ou não fundos e a garantia de conduzir com segurança os dados financeiros dos clientes.

A vantagem mencionada por alguns comerciantes entrevistados em São Paulo sobre o uso dos intermediadores é de conseguirem aceitar praticamente todas as bandeiras de cartão de débito e crédito e também métodos como o *PayPal* ou *Pay & Go*, além do boleto bancário. Este último pode ser pago em Casas Lotéricas, agências bancárias e Bancos Postais.

As formas de realização de operações bancárias e financeiras estão aumentando vertiginosamente, mas, embora a possibilidade de realizar operações tenha sido ampliada, o controle e o comando sobre os processos nas operações permanece centralizado. Bancos compraram empresas que controlam a repartição

de tarefas dos serviços bancários e financeiros, terceirizando funções e riscos aos atores do circuito superior marginal e estimulando o consumo de serviços financeiros no circuito inferior.

Considerações Finais

Thierry Gaudin (1978, p. 57) escreve que “os objetos não são neutros, eles transformam a sociedade”. A transformação da sociedade significa, outrossim, mudanças na repartição do trabalho. A condição híbrida de realização dos eventos acontece num momento em que o circuito superior da economia, ao se modernizar, diversifica seus mercados e expande seu poder. Vemos isso na Argentina e no Brasil, a partir dos eventos em duas de suas principais cidades, Buenos Aires e São Paulo.

A banalização da Internet foi essencial à divisão do trabalho bancário e financeiro. A Internet permitiu a operação de comércios bancários, como Casas Lotéricas, Bancos Postais, “Kioscos”, “locutorios” e outros comércios por meio das marcas Rapipago e Pago Fácil. Fez-se possível também transladar aos supermercados funções bancárias, como em São Paulo, os hipermercados Extra, do Grupo Pão de Açúcar, e Carrefour; bem como em Buenos Aires, onde é possível observar a associação entre Carrefour Express e Pago Fácil-Western Union.

O envio e recebimento de remessas ao exterior é um importante dado do período, não apenas pela circulação de capital e seu fluxo transnacional, mas pela captação de recursos do circuito inferior por empresas do circuito superior. O fluxo migratório cresce em todo o mundo e é um mercado em expansão.

Em paralelo ao mercado de envios e recebimentos, o comércio eletrônico é uma nova fronteira nas velocidades de consumo. Seu circuito operativo não se realiza sem a complementariedade de empresas ligadas à economia monetária digital. Todo esse circuito espacial de produção digital, amparado em intermediários financeiros e *gateways*, tende a fortalecer o circuito superior da economia urbana.

Nesse movimento, a partir da concatenação de um novo sistema de objetos, assistimos a manifestações de usos mais corporativos do território, a partir de eventos que aumentam a mais-valia dos agentes hegemônicos e os distanciam dos demais atores sociais. De modo que a divisão do espaço se alarga no que diz respeito à força, influência e poder entre os micro e pequenos atores e as grandes empresas.

Referências

- BARBERO, Jesús Martin. Tecnicidades, identidades, alteridades. *Revista Diálogos de la comunicación* nº 8 y 9, p.17. Buenos Aires, 2003.
- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. Editora Perspectiva, São Paulo, 2009.
- CATAIA, Márcio Antonio; RIBEIRO, Luís Henrique Leandro. Análises de Situações Geográficas: notas sobre metodologia de pesquisas em geografia. *Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege)*. pp. 9-30, V.11, n.15, jan-jun, 2015.
- CONTEL, Fabio Betioli. *Território e Finanças: técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil*. Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2006.
- CREUZ, Villy. Los ardiles del capital bancario. Manifestaciones en las ciudades de Buenos Aires y São Paulo. *Metrópolis en Mutación*. Compiladora Sonia Vidal-Koppmann. Buenos Aires: Café de las Ciudades, 2015.
- DIAS, L. y LENZI, M. Reorganização espacial de redes bancárias no Brasil: processos adaptativos e inovadores. *Cadernos CRH*, v. 22, n° 55., pp. 97-117, 2009.
- ELLUL, Jacques. *A técnica e o desafio do século*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- GAUDIN, Thierry. *L'écoute des silences, les institutions contre l'innovation?* Paris: Union Générale des Éditions, 1978.
- ISNARD, Hildebert. *O Espaço Geográfico*. Coimbra: Almedina, 1982.
- JAYO, Martin; DINIZ, Eduardo H. Um mapeamento descritivo dos modelos de gestão de redes de correspondentes bancários no Brasil. *Revista Administração*, São Paulo, v.48, n.3, p.621-634, jul./ago./set. 2013.
- KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- KOTLER, Philip. *Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- LABASSE, Jean. *Les Capitaux et la Région. Étude Géographique. Essai sur le Commerce et la Circulation des Capitaux dans la Région Lyonnaise*. Paris: Librairie Armand Colin, 1955.
- _____. *L'Espace Financier. Analyse Géographique*. Paris: Armand Colin, 1974.
- LABINI, Paolo Sylos. *Oligopólio e Progresso Técnico*. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- LADRIÈRE, Jean. *Os desafios da racionalidade. Os desafios da ciência e da tecnologia às culturas*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1979.
- MATTELART, Armand. *La Publicidad*. Buenos Aires: Paidós, 2000.
- ORTEGA y GASSET, José. *Meditação sobre a Técnica*. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1991.
- PARSERISAS, Derlis Daniela. Los bancos como actores del circuito superior. Concentración del capital y expansión territorial de las redes bancárias em Buenos Aires. *Circuitos de la Economía Urbana: ensayos sobre Buenos Aires y São Paulo*. Coordinadora: María Laura Silveira. Editorial Café de las Ciudades: Buenos Aires, 2016.
- PASTI, André Buonani. *São Paulo, o mercado de capitais e o circuito da informação financeira*. Monografia de Conclusão de Curso. Instituto de Geociências. Universidade Estadual de Campinas. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Maria Bernardes da Silva, 2010.
- SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo. Globalização e Meio Técnico-Científico-Informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. Há mesmo um espaço virtual? In: http://reverbe.net/cidades/wpcontent/uploads/2011/livros/Ha-mesmo-um-espacovirtual_Milton-Santos.pdf. 21 fev. 2000. Acesso em 20 jul. 2016.
- _____. (1979) *O Espaço Dividido*. São Paulo: Edusp, 2º ed, 2004.
- SENNETT, Richard. *A Cultura do Novo Capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SILVEIRA, María Laura. *Uma situação geográfica: do método à metodologia. Território*, ano IV, n 6, jan/jun. São Paulo, 1999.
- _____. Região e Globalização: pensando um esquema de análise. *REDES*, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 1, p. 74-88, jan./abr. 2010.
- _____. Modernização contemporânea e nova constituição dos circuitos da economia urbana. *Geosp – Espaço e Tempo* (Online), v. 19, n. 2, p. 246-262, ago, 2015.
- _____. Crisis y paradojas de la ciudad en la aurora del siglo XXI. *Huellas* nº 17, pp. 13-34, 2013.
- _____. Constitución de los circuitos de la economía urbana en la globalización. *Revista Universitaria de Geografía*, 25 (2), pp. 79-102, 2016.

- ____. São Paulo: entre la regencia del territorio y los mercados metropolitanos. *Circuitos de la Economía Urbana: ensayos sobre Buenos Aires y São Paulo*. Coordinadora: María Laura Silveira. Editorial Café de las Ciudades: Buenos Aires, 2016a.
- SIMONDON, Gilbert. *El Modo de Existencia de los Objetos Técnicos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.
- VENCESLAU, Igor. Correios, Finanças e Uso do Território: elementos para um debate sobre o banco postal brasileiro. *Anais de VI Congresso Iberoamericano de Estudos Territoriais e Ambientais*, 2014.
- WHITEHEAD, Alfred North. *A Função da Razão*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1988.

Sobre o autor

Villy Creuz: doutorando pela Universidade de Buenos Aires, mestre, bacharel e licenciado pela Universidade de São Paulo. Trabalha com as temáticas metrópoles, finanças e circuitos da economia urbana.

* * *

ABSTRACT

Between the nodes of financial work: modernization in Buenos Aires and São Paulo

The system of objects allocated in Buenos Aires and São Paulo allowed an expansion of the division of labour in finance. This article focuses on the organization services of financial gateways and digital payment companies. It is especially highlighted the participation of companies such as Casas Lotéricas, Bancos Postais, Rapipago, Pago Fácil, Prisma Medios de Pago, PagSeguro and Western Union. At the same time, geographical forms matter on the reception of money and job offers in these cities. In this sense, sending money remittances is an important market to consider as well. In this context, the role of technique is very profound on the production and expansion of financial services over small players.

KEYWORDS: finance, services, urban economic circuits, technique, technical objects.

RESUMEN

Entre los nodos del trabajo financiero: modernizaciones en Buenos Aires y São Paulo

El sistema de objetos presente en Sao Paulo y Buenos Aires permitió una gran expansión de actores sociales vinculados a las finanzas. Se trata de empresas de intermediación de pagos digitales y de redes físicas de operacionalización de pagos que elaboran una división social y territorial del trabajo compleja. Se destaca, en especial, la participación de firmas como Casas Lotéricas, Bancos Postales, Rapipago, Pago Fácil, Prisma Medios de Pago, PagSeguro y Western Union. En ese contexto, también el envío de remesas de dinero es un importante mercado a considerar. La técnica produce nuevos contenidos en las ciudades, de modo que la circulación de la moneda integra, por el consumo y por la prestación de servicios, a los actores sociales con más bajos grados capital, organización y tecnología.

PALABRAS CLAVE: finanzas, servicios, circuitos de la economía urbana, técnica, objetos técnicos.

 **BCG:** <http://agbcampinas.com.br/bcg>